

Da Voz à Tela, a Nova Linguagem Docente

Luiz Claudio Abreu
Cefet -Campos RJ

Resumo: As transformações iniciadas a partir do período final do século XX provocam deslocamentos nos mais diversos aspectos da vida em sociedade. Nosso trabalho consiste em uma reflexão sobre a escola, a sala de aula e os professores inseridos em um período de crise de paradigmas. Em especial, destacamos as novas potencialidades geradas pela linguagem audiovisual e digital nos processos de produção e transmissão dos conteúdos escolares. Identificamos a incompatibilidade de manutenção da forma de gestão escolar, da sala de aula e da maneira de transmissão dos conteúdos escolares herdados da modernidade e, finalmente, destacamos a urgência de redesenhar a linguagem docente para os novos sujeitos da aprendizagem na sociedade da informação que ampliaram as fronteiras do corpo - da pele à tela - formando assim um novo híbrido.

Palavras-chave: Comunicação, Educação e Contemporaneidade.

O último período do século XX foi caracterizado por ser um tempo de profundas mutações nos mais diversos aspectos. Encontramos em alguns pesquisadores, embora não haja unanimidade entre estes, a visão de estarmos presenciando um processo de transição entre um período denominado de modernidade para um outro chamado de pós-modernidade. Este processo de transição acarreta sensíveis alterações em nosso cotidiano.

Desenvolve-se uma cultura híbrida, decorrente da relação homem e máquina, que potencializa novas condições de percepção, compreensão e relação com a realidade, ou seja, vivenciamos uma outra relação de tempo e espaço, e ainda desenvolvemos um novo contato com a tela, agora de interação e não mais de contemplação como em gerações anteriores, fato este que permite levantar questões até o momento latentes, como por exemplo, novos horizontes para a construção e transmissão do saber na *sociedade da informação*.

Há muito conhecemos os instrumentos que permitiram uma mediatização do homem com a realidade. Desde Gutemberg até o tempo presente, vários meios de comunicação contribuíram para esta interface. No entanto, o desenvolvimento da tecnologia da informação tem demonstrado a emergência de uma nova mídia interativa, que permite uma comunicação em tempo real e multimodal¹.

Em face deste desenvolvimento tecnológico ora presente, acreditamos que se faz necessário discutir formas alternativas não só de pensar no modelo de gestão do conhecimento na escola, como também na linguagem docente para a transmissão dos conteúdos escolares.

Através de toda esta gama de mutações sociais parece-nos pertinente pensar em novos paradigmas educacionais para as sociedades hodiernas, uma vez que não podemos desconectar a escola de seu contexto. Tal fato nos conduz ao objeto central deste trabalho, ou seja, uma reflexão sobre o desajustamento entre a linguagem docente e os sujeitos da aprendizagem, gerando assim um ausência de sintonia entre estes dois grupos.

A questão que se propõe é: os sistemas educacionais poderão continuar com os mesmos paradigmas do século XX, apesar de todas as transformações por que passaram e continuam passando as sociedades da contemporaneidade? E ainda, será que a linguagem docente poderá continuar restrita à oralidade e à escrita, como o fez durante todo o século passado?

Com certeza, ainda não temos todas as respostas para tais questões, no entanto, podemos tentar sair da caverna platônica, incompatível com o processo de transição em que vivemos. Para tanto, procuraremos, inicialmente, estabelecer as conexões entre sociedade e escola e, finalmente, discutir sobre a perspectiva do desenvolvimento de uma nova linguagem, audiovisual, docente mediatizada pela tela da televisão.

Se partirmos de uma visão holística da sociedade, tornar-se-á evidente que os sistemas educacionais foram projetados para atender a uma determinada estrutura econômica, na qual os setores produtivos demandavam determinadas exigências, necessárias ao funcionamento da estrutura social ⁱⁱ.

Para melhor esclarecer a relação sociedade/escola é importante evidenciar que o modelo de gestão do trabalho na escola que conhecemos e, ainda hoje, se faz presente, apresentou sua gênese no período final do século XIX e, conseqüentemente, também foi projetado para atender a uma realidade deste período ⁱⁱⁱ, repetindo o modelo de gestão do trabalho da época, que por sua vez também se originou no final do século XIX e foi hegemônico durante toda a primeira parte do século XX, o denominado taylorismo/fordismo, ou administração científica do trabalho.

Fica evidente, atualmente, que o modelo de gestão do trabalho que a escola copiou da indústria entrou em crise e os setores produtivos reestruturaram sua forma de organização do trabalho. Assim sendo, parece-nos que a escola mantém um perfil de gestão anacrônico aos setores produtivos de seu tempo. Enquanto na escola ainda encontramos uma produção em massa (grande concentrações de alunos por sala de aula) e produtos uniformes (formação igual para um número significativo de alunos, como em um lote industrial) - características do taylorismo/fordismo - encontramos, nos setores produtivos, uma produção flexível e produtos diferenciados.

A escola, hoje, para dialogar com a sociedade da informação, precisa ser redesenhada e incluir a linguagem audiovisual e digital em seu espaço.^{iv} Duas observações se fazem necessárias: o papel da meios de comunicação e a utilização da linguagem midiática^v? E duas perguntas: a linguagem audiovisual deve ser acrescida como mais um novo recurso didático da escola, mantendo a centralidade da presença física do professor? Ou haverá necessidade de levantar caminhos alternativos no processo de construção e transmissão do conhecimento?

Os processos de mudanças sociais parecem não nos permitir fixarmos em um determinado patamar. Se faz urgente interagir com o novo. Pensar no futuro como uma simples continuação do passado não nos parece a atitude mais prudente face à crise paradigmática, como a que estamos vivendo. A *sociedade da informação* está exigindo de todos posturas inovadoras e, principalmente, a construção de um outro olhar sobre a realidade, que apresenta tons distintos ^{vi}. Definitivamente, não podemos acreditar que

o espaço da sala de aula, a escola e o paradigma docente serão mantidos intactos diante da revolução da informação.

Identificamos que é fundamental pensar a desconstrução das instituições de ensino, fundamentadas na mão-de-obra docente intensiva e fragmentada em disciplinas que não se comunicam, como na escola atual. Não podemos projetar para o futuro esta escola que conhecemos - típica da modernidade, pois é uma construção histórica, datada e, portanto, transitória. E ainda não podemos manter o espaço da sala de aula carente das novas tecnologias presentes nos extramuros escolares.

Quando nos referimos a presença das novas tecnologias no espaço da sala de aula, torna-se importante enfatizar que a introdução de tais elementos neste espaço, não poderá ser interpretada somente como um processo de adição, isto é, não podemos ter a ingenuidade de acreditar que com a chegada dos meios eletrônicos na sala de aula esta permanecerá a mesma. Acreditamos que uma sinergia se fará necessária para harmonizar o novo desenho da sala de aula. São incompatíveis o modelo transmissível, ainda adotado pelos professores, e as novas tecnologias na sala de aula. Emerge a necessidade de modelos híbridos, de ato e potência, ou seja, de presencial e virtual. Precisamos perceber que a simulação e todo o aparato tecnológico de produção e transmissão da informação, atualmente possível, exige uma nova configuração para a sala de aula, assim como um novo processo de inserção para os sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem.

Sabemos que a perspectiva de uma ruptura com o modelo de linguagem docente (restrita à oralidade e à escrita) não será indolor - daí a resistência dos professores ao novo - mas parece-nos fundamental estabelecer uma conexão entre a linguagem docente e seu contexto para harmonizar a escola com a sociedade atual.

Percebemos assim, a necessidade de emergência de uma nova arquitetura para a escola e, em especial, para a sala de aula, caracterizada não mais como um espaço de transmissão do conhecimento - estilo auditório - mas sim, como um espaço de construção do conhecimento, no qual seus atores dialogam e fazem surgir um saber proveniente da interação e participação de seus elementos, isto é, se faz necessário que o professor deixe de ser o centro do processo e desloque este centro para a linguagem audiovisual, potencializando assim novas interações entre os *sujeitos comunicantes*^{vii}.

Acreditamos que se apresenta como imperativo, neste momento, a construção da integração entre educação e comunicação^{viii}, gerando assim uma virtualização da sala de aula e da linguagem docente. Desta forma a dinâmica docente, articulada em linguagem audiovisual, irá potencializar novas perspectivas para o processo de educar em nosso tempo^{ix}.

Portanto, identificamos que com o desenvolvimento das novas tecnologias da comunicação e da informação percebemos que é através da inter-relação educação e comunicação que encontraremos um norte, não só para a construção do saber, mas também para a nova linguagem nas instituições educacionais da atualidade.

Necessitamos de nos conscientizar de que o homem não passou impunemente pela revolução digital na qual estamos inseridos. Tomamo-nos um *híbrido de pele e tela* que se metamorfoseia e transcende ao espaço e ao tempo. Estamos envolvidos em uma

videosfera, na qual a mediatização se impõe como questão fundamental para nosso novo corpo mixado em que a pele deixou de ser a última fronteira e a tela - este portal mágico e sedutor - potencializa-nos assim a viver em um universo *on line*.

Enveredamos por um caminho cujo viés condutor parece ser um constante devir, como o rio de Heráclito. Parece-nos razoável, portanto, inferir que o processo educacional contemporâneo, definitivamente, não poderá mais ser regido pelo mesmo paradigma que o trouxe até o nosso momento, a *escola-fábrica*, e ainda que a linguagem docente para o nosso tempo deverá ser híbrida, holística e mediatizada - um misto de presencial e virtual - para estabelecermos uma educação escolar em sintonia com o novo século.

Torna-se evidente que não podemos descolar o homem de seu tempo^x. Assim temos corroborada nossa visão de que a partir do momento em que interagimos com os novos elementos culturais - como a mídia eletrônica -, nos metamorfoseamos, nos diluímos em outras linguagens. Desta maneira, precisamos construir diferentes alternativas não só de apreensão como também de interação com a realidade.

A necessidade de construir atuais formas de relação do homem com as sociedades contemporâneas nos leva à necessidade de incorporar a leitura dos novos signos - digitais e audiovisuais - e, portanto, das novas linguagens que habitam nosso universo, agora mediatizado em telas deslizantes que formam a *videosfera*, ou seja, a *era do visual*.

Percebemos, então, que nosso tempo faz desenvolver novos paradigmas comunicacionais que nos remetem à uma outra realidade e, conseqüentemente, interfere no processo de hominização em curso. Viver neste momento, no qual a emergência das atuais mídias informático-eletrônicas possibilitam diferentes maneiras de comunicação e relação, requer o desenvolvimento de um outro olhar para a contemporaneidade.

Como vivemos na *videosfera*, se faz necessário deter um pouco mais nossa análise na instância do audiovisual. De maneira especial, gostaríamos de nos concentrar na televisão, por entendermos que, por sua facilidade de perpassar pelos mais distintos segmentos sociais, esta mídia, vem contribuindo - e de maneira intensa - para mais uma mutação humana.

Diante desse tão envolvente processo de transformações, parece-nos sustentável afirmar que não mais podemos olhar a linguagem audiovisual, com o mesmo olhar de trinta ou quarenta anos atrás. A estrutura desta linguagem pode, hoje, se apropriar de fantásticos recursos digitais, possibilitando uma imensa plasticidade e flexibilidade de seu conteúdo, através do qual se pode articular a construção de infinitas maneiras de criar sons e imagens que codificados nos mais diversos arranjos podem favorecer novas leituras da realidade, assim como nos permite também “escrever” utilizando uma outra sintaxe, com novos signos e, conseqüentemente, transmitir tais estruturas aos mais diversos segmentos sociais.

Pensar a linguagem audiovisual da televisão apenas como indústria cultural, capaz, unicamente, de homogeneizar, massificar e universalizar, traduz-se numa visão unilateral e ainda uma incapacidade persistente de descolar o veículo de seu conteúdo.

Gostaríamos de enfatizar que o que nos interessa, diz respeito à viabilidade de se grafar, sobre o suporte audiovisual, o conhecimento que é impresso no livro. Se é possível produzir um roteiro de uma estória e transformá-la em linguagem audiovisual, por que não escrever o roteiro de uma aula? Por que não transformá-la em linguagem audiovisual?

Acreditamos que devido ao paradigma de estarmos acostumados a associar a linguagem audiovisual, da televisão, ao entretenimento e ao lúdico, temos uma certa resistência em ver, nesta linguagem, a possibilidade de “escrever” o conhecimento^{xi}.

Estamos convictos de que uma vez possível codificar a informação impressa em papel para a tela, através da linguagem audiovisual, esta pode se democratizar - devido à facilidade de acesso desta linguagem por meio da televisão - portanto, isto nos remete a outro ponto a ser destacado em nosso trabalho que consiste não em fazer um ufanismo ao veículo televisão, mas, sim, ressaltar a capacidade deste veículo em democratizar a linguagem audiovisual.

Sabemos que a sedução faz parte da natureza da linguagem audiovisual, no entanto, devido a este caráter esta linguagem precisa ser melhor conhecida e trabalhada e, finalmente, nós todos precisamos em nossa *tele-existência* nos alfabetizarmos nesta nova linguagem que nos envolve cotidianamente. No entanto, insistimos em negá-la, rechaçá-la a um segundo plano, pois esta não faz parte do nosso paradigma para ler e escrever o conhecimento.

Portanto, se faz urgente evidenciar que necessitamos deste binômio - linguagem audiovisual e televisão - para podermos vislumbrar um novo horizonte na construção e transmissão do conhecimento para o homem da sociedade da informação, pois entendemos que a televisão possui uma particularidade fantástica, apresenta uma espécie de rito de passagem - guardadas as devidas proporções - típicas de um momento de transição, como o da modernidade para a pós-modernidade^{xii}.

Percebemos, claramente, que a televisão se caracteriza por ser um instrumento que perpassa, transcende a modernidade e atinge a chamada pós-modernidade, com aspectos distintos, porém mantendo a mesma potencialidade democrática, ou seja, de fácil acesso, típica deste meio.

Se faz necessário incorporar a escola e, em especial a linguagem docente, a inovação, incorporar as interfaces e mutações possíveis neste terceiro milênio é, com certeza, uma tarefa extremamente difícil para todos nós que preexistimos a esta *videosfera*. Mas torna-se ilusório querer estancar, parar, ou sequer diminuir o ritmo acelerado de transformações da contemporaneidade. É ser avestruz com a cabeça enterrada na terra, não perceber que precisamos acompanhar as mais recentes mutações. Corremos o risco de nos tornarmos dinossauros se não acompanharmos e participarmos do desenvolvimento das novas linguagens.

Como habitar um mundo permeado de infovias, se nos limitarmos apenas em ser presencial? Onde estão, quais são os que me ouvem, se só me faço entender e ser ouvido pelo som acústico de minha voz? Quem me vê, se sou apenas um corpo rígido, sólido, compacto e limitado ao alcance dos olhos? Como interagir em um mundo plugado e conectado em redes que mediatizam a realidade?

Precisamos aprender a transmutar e acima de tudo virtualizar nosso corpo, nossa voz, nossos olhos e ouvidos para um novo espaço, a rede. Precisamos adquirir uma nova identidade, própria deste espaço, para participarmos desta sociedade da informação.

Toma-se urgente que a escola, a sala de aula e a linguagem docente possam interagir com este novo cenário a fim de ser parte integrante e, não, simplesmente, espectadores passivos de um novo tempo que se descortina. Refazer, metamorfosear parece ser a regra, e ainda procurar novas perspectivas e com ela outros contornos para a educação do homem da contemporaneidade, um híbrido pele/tela, parece ser a questão central para as instituições de ensino da atualidade.

Após a constatação da presença de tais processos comunicacionais e ao voltarmos nosso olhar para o espaço da sala de aula, que insiste em perpetuar-se nos modelos transmissíveis do professor, identificamos que as mediações entre a realidade e os alunos é estruturada através de uma linguagem oralizada docente, orientada sobre a *galáxia de Gutemberg*. Tal situação parece-nos anacrônica e, no mínimo, paradoxal para instituições - as escolas - que se destinam, entre outras coisas, a fazer emergir a cidadania no seu corpo discente. Mas que cidadania é esta em que o indivíduo só se comunica de maneira presencial, ao passo que todo o restante da sociedade encontra-se mediatizado por algum meio? Ao evidenciar esta realidade podemos perceber o tamanho da distância entre nossa prática docente e a sociedade da informação.

Com certeza, existirão muitas vozes a afirmar que nossas escolas já possuem retro-projetores, câmeras digitais, faxes, televisores, vídeo-cassetes, computadores, internet e intranet. Contudo, o que observamos é que este aparato restringe-se apenas enquanto recurso didático, isto é, constitui-se como coadjuvante, desta forma, a linguagem docente continua tendo como centro, a presença física do professor gerando assim um descompasso entre a sala de aula e seu contexto.

Toma-se fundamental deixar evidente que em nenhum momento advogamos aqui o desaparecimento da atividade docente, mas do que nunca o papel do professor aparece como determinante e necessário nesta sociedade da informação. O que enfatizamos e acreditamos ser urgente discutir é o novo papel do professor na sociedade tecnológica do século XXI. Qual é a nova linguagem docente? Como se estrutura? Como pode interfacear com a sociedade? Com os alunos? Com o conhecimento?

Acreditamos que com a introdução das novas linguagens, como forma de gestão do conhecimento, estamos prestes a viver uma revolução copernicana na escola. Entendemos ainda que a partir do momento em que pudermos associar os conteúdos escolares aos recursos tecnológicos atuais, uma revolução se fará na forma “escrever” e transmitir o conhecimento.

A pergunta que se segue de imediato é como democratizar este amálgama de linguagem docente e novas tecnologias em uma sociedade de desigualdades tão grandes como a brasileira? Percebemos então, neste momento, a necessidade de olhar em nosso entorno e constatarmos que já encontramos perpassando no cotidiano do brasileiro uma certa tecnologia que já se democratizou entre nós. Refiro-me à linguagem audiovisual veiculada através da televisão.

Entendemos que a linguagem audiovisual, se encontra sobre um suporte diferente da linguagem escrita, isto é, para decodificá-la temos a necessidade de passar do papel à tela. Com certeza, encontramos aí um possível obstáculo pois este novo campo, a tela, apresenta uma gramática, configurações e conexões distintas do suporte papel.

A ruptura do paradigma de ler sobre o papel para se “ler” sobre a tela já se apresenta como um embaraço. No entanto, o nó górdio está um pouco além, ou seja, no ato de compreender a possibilidade de “escrever” não mais a partir de letras, palavras e frases, como em um texto, mas sim através de palavras, sons e imagens em sinergia, em uma dinâmica constante.

Esta nova linguagem, o audiovisual, não é formado somente por verbos, adjetivos e conjunções. As estruturas conectivas são outras, o sentido e a dinâmica das construções são encontrados a partir de figura/fundo, luzes, cores, sombras e sons que articulados fornecem a perspectiva para uma ordenação lógica na qual além do racional, o afetivo/emocional em muito contribui para a “leitura” e compreensão do audiovisual.

Portanto, podemos verificar que a linguagem audiovisual apresenta outros códigos que precisam ser “lidos” e compreendidos de maneira correta e, principalmente, sem deixarmos nos levar pelo reducionismo de tentar entender a linguagem audiovisual pela linguagem escrita. Definitivamente não podemos acreditar que a leitura seja a mesma, não podemos querer entender a linguagem audiovisual da esquerda para a direita - ou ao contrário, como em alguns idiomas - como fazemos com o texto escrito. A lógica é outra; se no texto começamos nossa leitura e compreensão pela palavra, ou seja, a figura, no audiovisual iniciamos nosso entendimento pelo campo.

De maneira especial gostaríamos, neste momento, de destacar a situação dos professores em meio a este cenário mutante. Como pensar a presença, a decodificação e compreensão da linguagem audiovisual na escola e, de modo particular, na sala de aula? Como centralizar uma linguagem docente, audiovisual e mediatizada, em um universo regido pelo texto escrito e pela voz acústica do professor? Para obter as respostas se faz necessário perceber que, atualmente, os profissionais da educação, herdeiros da cultura de Gutemberg, vivem um certo *mal-estar*, ao descobrirem um hiato entre a realidade da sala de aula e a sociedade. Olhar em nosso entorno, identificar uma cultura mediatizada, potencializada por novas tecnologias e negar a presença desta em nosso espaço de trabalho, não parece uma atitude muito salutar na sociedade da informação.

Parece-nos fundamental que os profissionais da educação possam perceber que as novas tecnologias permitem desconectar a linguagem do corpo físico, assim como também, interagir à distância. Eliminam-se, então, as barreiras geográficas e cria-se um novo conceito de espaço já não mais fixado e delimitado pela proximidade. O desenvolvimento destes novos espaços de fluxos informacionais, cria um novo cenário que não pode ser ignorado pelos profissionais da educação.

Um olhar crítico na estrutura interna da sala de aula e no cenário no qual está inserida, nos leva a perceber sua descontextualidade. Continuar resistindo às inovações tecnológicas é, sem dúvida, a posição mais cômoda, porém a que mais nos empurra

para o abismo do desemprego estrutural docente, que, em breve, deverá emergir. Não reconhecer que os sistemas de aprendizagem sofrerão o impacto dessas novas tecnologias é o mesmo que tentar parar o tempo.

Acreditamos ser urgente, com objetivo de contextualizar a Educação na contemporaneidade, estabelecer uma aproximação entre a Educação e a Comunicação^{xiii}. Desta maneira pensar outras possibilidades para a escola, como por exemplo, desenvolver roteiros educacionais, ou seja, a possibilidade de traduzir os conteúdos escritos escolares em produções audiovisuais, mostram-se como construções possíveis.

Temos certeza de que todos nós, professores, precisamos reencantar nossa ação docente e, para tal, precisamos enfrentar o que parece ser nosso fim, ou seja, as novas tecnologias na sala de aula. Precisamos identificar, na linguagem audiovisual da televisão e na tecnologia digital da informação, linguagens a serem transpostas para a sala de aula, capazes de reconstruir e reencantar nosso espaço de trabalho. Da mesma forma que Sherazade, na estória das *mil e uma noites*, quando diante da morte e de seu algoz os reencantou, precisamos diante do suposto fim, reencená-lo, atribuir-lhe novos significados e inaugurar novos espaços na construção do saber, ou seja, precisamos abrir uma nova *estrada para o futuro*.

Descobrir enfim um novo papel para o professor constitui o centro da nossa preocupação e, para tanto, encontramos em Moran (1998, 163)^{xiv}, uma perspectiva para alicerçar nossa visão sobre a atuação deste profissional.

Passamos então a vivenciar uma outra etapa, um outro tempo e um outro fazer no ofício de professor. Fundamental parece-nos é perceber que estamos avançando no sentido de estabelecer novas superfícies de contato do educando com o conhecimento. É necessário buscar esta aproximação e formar uma rede de conexões múltiplas entre o educando e as informações disponibilizadas nos mais diferentes suportes. Mas em todo este processo urge definir a atuação do professor nesta nova configuração, porque ele não mais poderá atuar isoladamente, como estamos habituados em nossa sala de aula, como um transmissor de conhecimento, mas passará a ter sua atuação vinculada a uma equipe multidisciplinar e multiprofissional para a produção do conhecimento a ser acessado pelos alunos na construção do processo de aprendizagem.

Detalhando um pouco mais a questão, parece-nos fundamental perceber este deslocamento na função docente de transmissor do conhecimento na sala de aula para membro integrante de uma equipe de produção, roteirização e construção de uma linguagem audiovisual, estruturada a partir da tecnologia digital, que será mediatizada e acessada pelos educandos nos mais distintos momentos no seu processo de construção do conhecimento.

Toma-se importante enfatizar que nesta nova ação docente não está descartada sua interface com os alunos o que acontecerá em um segundo momento, com uma periodicidade mais esparsa e se caracterizará por ser um encontro para debate, ou seja, para discussão sobre o saber mediatizado.

Este processo de transição na linguagem docente implica uma mudança de paradigma, e como tal não pode ser identificado como mais um novo caminho a ser

trilhado no interior dos sistemas educacionais, mas sim como - parafraseando Thiago de Mello - um novo caminhar.

Resta-nos, portanto, perceber que a linguagem docente passa assim a ser mediatizada e acoplada a um roteiro em sinergia com sons e imagens, ou seja, torna-se audiovisual e, conseqüentemente, desconectada do corpo de seu emissor, isto é, do professor. Temos, então, um processo de virtualização da linguagem docente que poderá ser atualizada a qualquer instante, através da tela pelos alunos.

Importante destacar que as produções audiovisuais dos conteúdos escolares não podem ser entendidas como uma simples gravação de uma aula para uma posterior transmissão. Precisamos ter clareza de buscarmos o rigor de produções artísticas com padrões de excelência, tanto no aspecto da veracidade das informações, quanto no aspecto da qualidade da produção audiovisual. Daí a importância da presença de profissionais da cultura audiovisual como diretores, roteiristas, editores, cenografistas, etc.

O desenvolvimento de tais produções, acima citadas, podem representar, finalmente, o fim de uma situação de desajuste e dicotomia entre a escola, a mídia e a sociedade que podemos presenciar atualmente em nosso cotidiano.

Percebemos, ainda, que diante do papel de destaque e atratividade despertado pela mídia, nos mais diversos segmentos sociais, e o grande poder de democratização da informação, grafado sob a forma da linguagem audiovisual e veiculado pela da televisão, esta linguagem possui, potencialmente, condições de se estabelecer como novo paradigma de transmissão e democratização do saber escolar.

Não ocorrerá sem resistências a implementação do audiovisual, como protagonista, na sala de aula. Mas identificamos que este é o caminho de aproximação da escola com o seu tempo.

Finalmente, ao sintonizar a linguagem docente com a sociedade da informação, estamos fornecendo subsídios para que a escola e os profissionais da educação possam dialogar, interagir e ainda encontrar um novo sentido para a educação escolar na era do visual.

ⁱ Segundo Lévy, (1999,:63) “Seria muito mais correto, do ponto de vista lingüístico, falar de informações ou de mensagens multimodais, pois colocam em jogo diversas modalidades sensoriais (a visão, a audição, o tato, as sensações proprioceptivas)”.

ⁱⁱ Para Saviani (1997,: 2) “ O predomínio da cidade e da indústria sobre o campo e a agricultura tende a se generalizar e a esse processo corresponde a exigência da generalização da escola. Assim, não é por acaso que a constituição da sociedade burguesa trouxe consigo a bandeira da escolarização universal e obrigatória. Com efeito, a vida urbana, cuja base é a indústria, que rege-se por normas que ultrapassam o direito natural, sendo codificadas no chamado “direito positivo” que, dado seu caráter convencional, formalizado, sistemático, se expressa em termos escritos. Daí a incorporação, na vida da cidade, da expressão escrita de modo que não se pode participar plenamente dela sem o domínio dessa forma de linguagem.

Em razão do exposto, para ser cidadão, isto é, para participar ativamente da vida da cidade, do mesmo modo que para ser trabalhador produtivo, é necessário o ingresso na cultura letrada. E sendo esta um processo formalizado, sistemático, só pode ser atingida através de um processo educativo também sistemático. A escola é a instituição que propicia de forma sistemática o acesso à cultura letrada reclamado pelos membros da sociedade moderna ”.

ⁱⁱⁱ Em Tedesco (1998,: 25) encontramos a seguinte afirmação: “ Para que se compreenda adequadamente a atual situação, é importante partir da análise da origem dos sistemas educacionais. Embora não seja possível nem pertinente efetuar aqui um longo percurso pela história da educação, é preciso lembrar que - o sistema

educacional que hoje consideramos tradicional teve sua origem no final do século passado e respondeu simultaneamente às exigências políticas do processo de construção da democracia e dos Estados nacionais e às exigências econômicas de construção do mercado”.

^{iv} Encontramos em Martín-Barbero (2000, : 57), uma percepção clara do momento atual da escola dos professores: “ O quadro não pode ser mais significativo: enquanto o ensino transcorre através do mundo do manual, o professor sente-se fortalecido; mas quando aparece o mundo da imagem, o professor perde a estabilidade, porque o aluno sabe muito mais e, sobretudo, porque maneja muito melhor a língua da imagem que o professor. Ante esse desmoronamento de sua autoridade frente ao aluno, o professor reage desautorizando os saberes que passam pela imagem.

(...) O problema está em saber se a escola vai ser capaz de ensinar a ler livros não só como ponto de chegada mas também de partida para outra alfabetização, a da informática e das multimídias. Isso implica pensar se a escola está formando o cidadão que não só sabe ler livros, mas também noticiários de televisão e hipertextos informáticos.

^v Para Roig (1997, : 60): “ Em grandes traços podemos considerar que, numa primeira etapa, a escola tentou “reproduzir-se” através da televisão. Numa segunda etapa, os próprios desenvolvimentos da televisão (quanto a sua linguagem e suas estruturas narrativas) incidiram nas propostas educativas programadas para a televisão. E, atualmente, uma terceira etapa, na qual compreendemos que tanto a televisão como a escola são instituições culturais com discursos, retóricas, linguagens e conteúdos próprios, mas ao mesmo tempo espaços culturais que se entrecruzam na vida cotidiana.”

^{vi} Debray (1993, : 206) afirma: “ À *logosfera* corresponderia a era dos ídolos no sentido lato (do grego eídolon, imagem). Este período estende-se da invenção da escrita à da imprensa. À *grafosfera*, a era da arte. Sua época estende-se da imprensa à TV a cores (como veremos, muito mais pertinente do que a foto e o cinema). À *videosfera*, a era do visual (conforme proposto por Serge Daney). É precisamente a época em que vivemos.

^{vii} Expressão utilizada por Heloísa Dupas Penteado (1998, : 13).

^{viii} Encontramos em Soares (1999, : 24) a seguinte afirmação: “ Parece evidente que modificações se processam no campo da Educação e da Comunicação, a primeira tornando-se obsoleta em seus métodos e enfoques e despreparada na qualificação de seus agentes; a segunda, mostrando-se, por vezes, pernicioso, principalmente por estar sujeita a regras do mercado, que não dizem respeito aos valores da educação e da ética sustentados pelos educadores. Assim, **as mudanças aproximam essas duas áreas pelas necessidades convergentes que suscitam.** Há, portanto, na questão da Educação e Comunicação, um discurso aponta para a necessidade de “transformações” e “mudanças”.”

^{ix} Segundo Citelli (2000, : 17): “ (...) os conceitos de educação e comunicação passam a ser vistos como seqüências de um processo cada vez mais inter-relacionado: requisitam-se para esclarecerem-se; pedem-se para que nenhum dos termos ganhe autonomia a ponto de ressoar, ou anacronismo, como no caso da escola, ou hiper-realidade que tudo responde, a exemplo dos *media* ”.

^x Para Trivinho (1998, : 33 e 34) “ Na época da consolidação da geografia eletrônica, se, por um lado, desinveste-se do urbano – o que determina seu relativo despovoamento -, por outro, cresce o fenômeno da tele-existência. Em virtude das redes, existimos aqui e acolá, simultaneamente; podemos estar alhures, instantaneamente, a qualquer momento. Não obstante, nas redes, não somos nós que existimos, mas nossos duplos, nossas extensões fantasmáticas. Aparecemos como sombra, em forma de pura espectralidade. Guillaume chamou esse fenômeno de comunicação espectral. No telefonema e pelo rádio, por exemplo, surgimos no ouvido alheio em forma de som. Na TV e no videofone, aparecemos em forma de audiovisual. No computador, somos, não raro, apenas texto.

^{xi} Para Maffesoli (1995, : 94): “ (...) esse sensualismo da imagem dificilmente é percebido pelo intelectualismo no qual fomos forjados.”

^{xii} Segundo Marcondes Filho (1994, : 18, 19, 20 e 21) “ A televisão significa um momento de passagem. Ela corporifica uma mudança de eras em que nos despedimos de uma era moderna e entramos numa era técnica ou tecnológica.

(...) A televisão é um componente fundamental desta mudança de século porque é um duplo: um componente da era moderna ou da modernidade, que se encerra neste século, assim como da nova sociedade que está chegando. Ela é a sociedade que está desaparecendo, porque na primeira fase da tevê, ela ainda incorpora a visão de mundo, o universo de idéias da modernidade, ou seja, funciona como um transmissor de formas narrativas clássicas, de formas representativas convencionais, um tipo de produtor e transmissor de notícias semelhantes ao da imprensa conhecida.

(...) a televisão é componente, membro, figura integrante da modernidade. Mas, ao mesmo tempo, é um sistema que se despede do mundo da modernidade e abre espaço para um mundo posterior a ela, que é o mundo da técnica. Isso se dá através tanto da vinculação da tevê aos demais sistemas eletrônicos, quanto das alterações de seu próprio uso nos tempos atuais.

(...) A televisão também faz parte de um mundo posterior ao da modernidade porque dispõe hoje de variações e de alternativas dentro do sistema televisivo, que diferenciam a massa de espectadores. Refiro-me especialmente aos canais por assinatura, aos sistemas de televisão por cabo, às possibilidades que se tem hoje de diversificar a oferta de programação e, portanto, de implodir aquilo que no passado havia sido classificado como “massa de telespectadores”.

(...) o que mais revoluciona na nova televisão, a qual pertence ao momento posterior à modernidade na era tecnocêntrica, é o caráter da imagem. A televisão da nova era introduz uma revolução surpreendente na imagem.

(...) Em todos esses processos, a imagem era analógica, ou seja, produzida a partir de um dado, que existia ou não na natureza, mas que os homens o captavam e transformavam em algo plasticamente visível.

(...) A grande transformação que ocorre agora com os sistemas mais desenvolvidos de computação é a mudança do estatuto da imagem, em que passa a ser digital, ou seja, passa a fazer parte dos equipamentos dos computadores - e da televisão.”

^{xiii} Constatamos em Soares (2000, : 22) o desenvolvimento de um novo campo a *Educomunicação*. Este autor ainda afirma que: “ O novo campo, por sua natureza relacional, estrutura-se de um modo processual, midiático, transdisciplinar e interdiscursivo, sendo vivenciado na prática dos atores sociais, através de áreas concretas de intervenção social.

A interdiscursividade, vale dizer, o diálogo com os outros discursos, é a garantia da sobrevivência do novo campo e de cada uma das áreas de intervenção, ao mesmo tempo que vai permitindo a construção de sua especificidade. Este interdiscurso é multivocal e o seu elemento estruturante é a polifonia. A alteridade é a dimensão constitutiva deste palco de vozes que polemizam entre si, dialogam ou complementam-se.”

^{xiv} “ A aquisição da informação, dos dados dependerá cada vez menos do professor. Hoje as tecnologias podem trazer dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor - o papel principal - é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los. O professor é um facilitador, que procura ajudar cada um a conseguir avançar no processo de aprender.”

Bibliografia:

ALVES, Nilda (Org.) & GARCIA, Regina Leite (Org.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro, DP&A, 1999.

BABIN, Pierre & KOULOUMDJIAN, Marie-France. *Os novos modos de compreender. A geração do audiovisual e do computador*. São Paulo, Paulinas, 1989.

CITELLI, Adilson. *Comunicação e educação. A linguagem em movimento*. São Paulo, Senac, 2000.

_____ (Org.) *Outras linguagens na escola*. São Paulo, Cortez, 2000.

_____ *Aprender e ensinar com textos não-escolares*. São Paulo, Cortez, 1997.

DEBRAY, Régis. *Vida e Morte da Imagem: uma história do olhar no ocidente*. Petrópolis, Vozes, 1993.

DIZARD Jr. Wilson. *A nova mídia. A comunicação de massa na era da informação*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

FÉRRES, Joan. *Televisão e educação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna. Novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo, Editora 34, 1999.

_____ *A inteligência coletiva*. São Paulo, Loyola, 1998.

-
- _____ *O que é o virtual?* Rio de Janeiro, Editora 34, 1996.
- _____ *As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da informática.* Rio de Janeiro, Editora 34, 1993.
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo.* Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1995.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Televisão.* São Paulo, Scipione, 1994.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Desafios culturais da comunicação à educação.* Comunicação & Educação, São Paulo, [18]: 51 a 61, maio/ago. 2000.
- MORAN, José Manuel. *Mudanças na comunicação pessoal.* São Paulo, Paulinas, 1998.
- NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital.* São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- NÓVOA, António. *Profissão professor.* Porto, Porto Editora, 1995.
- PACHECO, Elza Dias (Org.). *Televisão, criança, imaginário e educação.* Campinas, Papirus, 1998.
- PENTEADO, Heloísa Dupas (Org.). *Pedagogia da comunicação.* São Paulo, Cortez, 1998.
- ROIG, Hebe. “Uma análise comunicacional da televisão na escola”, em LITWIN, Edith (Org.). *Tecnologia educacional. Política, histórias e propostas.* Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.
- SAVIANI, Dermeval. *A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas.* Campinas, Autores Associados, 1999.
- SILVA, Marco. *Sala de aula interativa.* Rio de Janeiro, Quartet, 2000.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: um campo de mediações.* Comunicação & Educação, São Paulo, [19]: 12 a 24, set./dez. 2000.
- _____ “Comunicação/educação. A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais”. Contato. Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação, nº2. Brasília, Senado Federal, 1999.
- TEDESCO, Juan Carlos. *O novo pacto educativo. Educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna.* São Paulo, Ática, 1998.
- TRIVINHO, Eugênio. *Redes. Obliterações no fim de século.* São Paulo, Annablume / FAPESP, 1998.